

O PÁTIO

ANO XVI | N.º115 | NOV 2020-JUN 2021 | ESCOLA PORTUGUESA DE MOÇAMBIQUE - CENTRO DE ENSINO E LÍNGUA PORTUGUESA

VIAGENS À VOLTA DA LÍNGUA



ENTREVISTA | Proença Mendes

“Barca Sagres é embaixada itinerante da Portugalidade”
Revelações do Comodoro que continua a liderar o Legado de Magalhães nas itinerâncias ao encontro de povos e culturas e em prol da Língua Portuguesa.

MOMENTOS EPM-CELP



Momentos de Novembro de 2020 a Junho de 2021

Defendemos uma pedagogia humanista e multicultural

Depois de tomarmos posse em dezembro último, como nova Comissão Administrativa Provisória da EPM-CELP (CAP), apostamos na continuidade do projeto educativo de 2019/2023, mantendo o compromisso com os valores democráticos, éticos, de respeito mútuo, cooperação, civismo, integridade, honestidade, imparcialidade e solidariedade. Defendemos uma pedagogia humanista, de respeito pela diferença, pela diversidade cultural e em prol do conhecimento científico e atualizado.

Nos últimos tempos, enfrentamos um desafio global, com efeitos devastadores em termos de vidas humanas, que nos obrigou a reformular as práticas de ensino e aprendizagem, recorrendo ao ensino a distância, a tecnologias de informação e comunicação que vieram para ficar. Exige-se dos nossos professores, alunos, funcionários, encarregados de educação e famílias em geral, um esforço incomensurável que reconhecemos e agradecemos. As horas despendidas na aprendizagem e adaptação das ferramentas digitais e convencionais, a sobrecarga de trabalho, a angústia de todos perante as incertezas do trabalho realizado para garantirmos a qualidade das aprendizagens, a solidão e o medo, mostraram-nos que é sempre importante estarmos unidos, coesos e termos presente a missão a que nos consagramos ao escolher a Educação como objetivo da nossa vida.

Inspirados nestas convicções e no respeito pela missão espelhada no acordo de cooperação entre os Estados português e moçambicano, associámo-nos ao Camões-Centro Cultural Português para comemorar o Dia Mundial da Língua Portuguesa, congregando a comunidade escolar e as entidades diplomáticas e governamentais dos dois países em torno da língua e da cultura dos povos falantes da Língua Portuguesa. Também homenageámos o escritor

moçambicano, Calane da Silva, organizámos uma exposição relativa à viagem de Circum-Navegação de Fernão de Magalhães, no olhar do artista plástico moçambicano Dito Tembe, assim como editámos um livro com autoras de oito países de expressão portuguesa.

Cumprindo o vigésimo primeiro ano de existência assinalado em novembro último, celebrámos ainda a entrada da escola na sua maioria, consolidando o seu papel como instituição de ensino e braço da cooperação portuguesa na área da Educação. Por isso, reiterámos o nosso investimento na escolarização dos cidadãos portugueses e moçambicanos, entre outras nacionalidades, que optam pelo nosso currículo e que fazem de nós uma escola do nosso tempo: multicultural, humanista e moderna.

Em tempos conturbados, vemos a oportunidade de desenvolver os nossos conhecimentos sobre a utilização das plataformas virtuais e de estabelecer contacto com outros polos de vocação semelhante. Por conseguinte, o nosso envolvimento na mostra das ciências, com outros clubes científicos, propiciou o diálogo entre os nossos alunos, outras escolas e especialistas com quem partilharam saberes e enriqueceram experiências no 1º Fórum de Clubes de Ciência Viva nas Escolas.

Continuamos a fomentar a literacia e a literatura como ferramentas para a compreensão do mundo, através de novas publicações infanto-juvenis, que também servem para promover novos autores e facilitar o acesso à leitura para crianças das escolas parceiras moçambicanas, através de movimentos cívicos e organismos públicos de fomento da leitura.

Em virtude destes princípios e atividades dinamizadas, estamos juntos enquanto comunidade educativa pronta para encarar os desafios dos nossos dias no lugar onde nos encontramos inseridos.

CAP

06. COOPERAÇÃO | “Mabuko Ya Hina” criou “Bibliotecas Escolares Sem Covid” e divulgou informação para a prevenção da Covid - 19.

10. ATIVIDADES | “Viagens à Volta da Língua” aguçaram criatividade dos alunos nas comemorações dos 500 anos da viagem de circum-navegação de Fernão de Magalhães.

13. ENTREVISTA | Numa autêntica aula sobre a circum-navegação, o Comodoro Capitão-de-Mar-e-Guerra da classe de Marinha, Luís Pedro Proença, fala de Magalhães e da mítica “Escola de Sagres”, a Embaixada Itinerante da Portugalidade.

16. REPORTAGEM | Em Ndivuane, uma aldeia localizada a cerca de 100 km de Maputo, centenas de famílias vivem hoje um sonho - a educação, saúde e habitação.

18. ENTREVISTA | A psicóloga e antiga aluna da EPM-CELP, Sharlene Raston, defende que o êxito humano depende dos valores promovidos pela Escola e pela família.

20. EFEITO PSI | Na sua nova rubrica, a psicóloga da EPM-CELP, Alexandra Melo, debruça-se sobre o *Bullying* vs dores de crescimento - Os limites da normalidade.

21. ASSOCIAÇÃO DOS PAIS | O *cyberbullying*: O papel dos pais e educadores.

22. SOLIDARIEDADE | Em duas ações de solidariedade, a EPM-CELP amparou crianças desalojadas através de livros.

23. PRÉMIOS | A escritora e responsável pelo setor de publicações da EPM-CELP, Teresa Noronha, venceu a primeira edição do prémio Maria Velho da Costa.

24. ATIVIDADES | Alunos da EPM-CELP comemoram a Francofonia “en classe” e discutiram inclusão e albinismo.

25. ATIVIDADES | Alunos procuram soluções para o mundo inspirados pelo Modelo das Nações Unidas.

26. SOCIAL | Iniciativas solidárias propiciaram realizações sociais da EPM-CELP.

27. ATIVIDADES | Alunos experimentaram o “mundo oceânico” no batismo de mergulho na EPM-CELP e na Ponta do Ouro.

30. NA PONTA DA LÍNGUA | Livre expressão através de contos da autoria de alunos.

DESTAQUES



07 | Nova Comissão Administrativa Provisória assumiu leme da casa amarela

Na sequência da cessação do mandato da CAP, por aposentação da sua Presidente, Dina Trigo de Mira, Luísa Maria Pina Valente Antunes, António Jorge Nunes Marques e Maria Cristina da Costa Barreiros Viana, Presidente, Subdiretor para a área financeira e Adjunta para a área pedagógica, respetivamente, assumem os destinos da instituição desde 1 de dezembro de 2020.



10 | Vida e arte para celebrar magia da Língua Portuguesa

As celebrações do Dia Mundial da Língua Portuguesa, assinalado a 5 de maio, revelaram emoções fortes na EPM-CELP, unindo, através da Língua, ideologias, homenagens, exposições, danças e outras manifestações artístico-culturais. Os momentos, presenciados por figuras do Governo de Portugal e Moçambique, evidenciaram a plasticidade, a multiculturalidade, a musicalidade e a riqueza da Língua Portuguesa.



08 | 21 anos marcados pelo reconhecimento

Música, teatro, poesia e dança marcaram o 21º aniversário da EPM-CELP, associando vozes de Portugal, para homenagear mérito de alunos e Presidente cessante da CAP. Em vídeo-discurso, o Presidente da República Portuguesa, Marcelo Rebelo de Sousa, e a Secretária de Estado da Educação de Portugal, Inês Ramires, sublinharam as obras da Escola durante os seus 21 anos de existência.



26 | Mar de livros para pequenos e graúdos

Em quase seis meses, a EPM-CELP editou e entregou ao mercado livreiro seis livros infantojuvenis que, cada um da sua forma, convidam os mais novos à criatividade e para aventuras diversas pelo mundo da imaginação e da desconstrução de fábulas.

Apesar das restrições impostas pela pandemia, o projeto “Mabuko Ya Hina” (Os Nossos Livros) da EPM-CELP soma e segue através de iniciativas de promoção da literacia na sua rede de bibliotecas escolares em Moçambique.



“Mabuko Ya Hina” apostou na renovação de Bibliotecas

No ano letivo 2020/2021, “Mabuko Ya Hina” iniciou um processo de reorganização das Bibliotecas Escolares (BE’s) que integram o Projeto. A iniciativa contempla a verificação do acervo, catalogação e colocação de livros nas estantes, arrumação dos espaços e dos equipamentos e, eventualmente, a realização de obras de reabilitação.

Das 10 bibliotecas do Projeto, encontram-se em fase de reorganização as bibliotecas da Escola Primária Completa (EPC) Maguiguana, da EPC Polana Caniço A, da EPC Unidade 23 e da Escola Comunitária (EC) Amizade Sem Fronteiras. Nesta última, as obras de reabilitação tiveram início no passado dia 12 de junho, com o patrocínio das empresas *Sika* e *Lux House* que, para além da oferta dos materiais de construção e da mão-de-obra, empenharam-se na transformação da biblioteca existente, tornando-a mais espaçosa, mais iluminada e menos exposta aos danos causados pela chuva.

Contamos ter, muito em breve, uma “nova” Biblioteca na Escola Comunitária Amizade Sem Fronteiras, onde os alunos terão melhores condições para disfrutar do prazer da leitura.

“Mabuko Ya Hina” avançou para a Ilha de Moçambique

No âmbito da parceria institucional entre o Camões – Centro Cultural Português em Maputo e a Escola Portuguesa de Moçambique – Centro de Ensino e Língua Portuguesa (EPM-CELP), a docente Ana Albasini, Coordenadora do Projeto “Mabuko Ya Hina”, deslocou-se à Ilha de Moçambique para dinamizar uma ação de formação, nas áreas da “Gestão e Dinamização de Bibliotecas”, que decorreu entre os dias 31 de maio e 4 de junho de 2021.

Constituindo objetivo da Formação a capacitação das técnicas bibliotecárias das Bibliotecas Públicas Distrital e Municipal da Ilha de Moçambique, participaram na mesma 3 técnicas da Biblioteca Distrital e 4 técnicas da Biblioteca Municipal e, a pedido do Instituto Médio Politécnico da Ilha de Moçambique (IMPIM), foram ainda integrados no grupo de formandos 2 técnicos bibliotecários desta instituição.

A abertura da Formação, no dia 31 de maio, foi feita pelo Presidente do Município e pelo representante do Camões na Ilha de Moçambique. Seguiu-se o momento das apresentações, findo o qual, a formadora partilhou o Plano de Formação com o grupo de formandos.

No âmbito do primeiro tema a ser abordado, “Gestão da Biblioteca”, fez-se uma apresentação multimédia e, a título de exemplo, procedeu-se à catalogação de alguns livros.

Nos dias 1, 2 e 3 de junho deu-se continuidade à abordagem do primeiro conteúdo da formação, na sua componente prática, e no último dia, 4 de junho, a formadora abordou o segundo conteúdo, “Dinamização da Biblioteca”, fazendo-se, igualmente, uma apresentação multimédia sobre o tema.

O encerramento do 1º Módulo da Formação foi feito pelo Vereador da Educação do Conselho Municipal e pelo representante do Camões na Ilha de Moçambique.

“Mabuko Ya Hina” rodou maletas de leitura entre escolas de Maputo

Entre os meses de novembro e dezembro de 2020, Mabuko Ya Hina (Os Nossos Livros) rodou as Maletas de Leitura entre as dez escolas que pertencem a este grupo de permutas das maletas em Maputo: Escola portuguesa de Moçambique – Centro de Ensino e Língua Portuguesa, Escola Primária Completa (EPC) Anexa ao IFP da Matola, EPC Maxaquene C, EPC’s Unidade 18, 19, 22 e 23, EPC Imaculada, EPC Ntwananu e EPC/Escola Secundária do Triunfo.

O processo de rotação das Maletas de Leitura prevê a verificação do acervo existente e o enriquecimento do mesmo com novas publicações da EPM – CELP. Depois, cada maleta parte para uma outra escola onde os alunos passam a ter acesso a uma nova biblioteca móvel, com livros diferentes dos que existiam na maleta anterior.

Para além do enriquecimento das Maletas de Leitura com novas publicações da EPM – CELP, em 2020, as maletas também receberam o Kit “Bibliotecas Escolares Sem Covid”. Com os materiais que integram este Kit, os professores podem, de forma lúdica, informar os alunos sobre a doença, os meios de contágio e de prevenção.



Nova Comissão Administrativa Provisória assumiu leme da casa amarela



Luísa Antunes
Presidente

Na sequência da cessação do mandato da Comissão Administrativa Provisória (CAP) precedente, por aposentação da sua Presidente Dina Trigo de Mira, a EPM-CELP conta com novos titulares deste órgão de gestão da instituição, estabelecido ao abrigo do despacho n.º 11886-D/2020 publicado no dia 03 de Dezembro último, com o objetivo de assegurar a plena gestão do estabelecimento escolar nas áreas administrativa, pedagógica e financeira.

Com a entrada em funções da nova CAP, no dia 1 de dezembro de 2020, Luisa Maria Pina Valente Antunes, António Jorge Nunes Marques e Maria Cristina da Costa Barreiros Viana, passaram a exercer, respetivamente os cargos de Presidente, Subdiretor para a área financeira e Adjunta para a área pedagógica.

A nova constituição da CAP resultou na recondução da Luísa Antunes e António Marques, respetivamente, dos cargos de Adjunta e Subdiretor da antiga CAP, e da nova designação da Coordenadora do Departamento de Ciências Sociais, Cristina Viana, para o cargo de Adjunta.

Numa mensagem dirigida aos funcionários e docentes da escola, a nova CAP manifestou a sua convicção sobre o empenho, a dedicação e o profissionalismo de todos os membros para que a EPM-CELP continue a crescer enquanto instituição de referência em Moçambique e em Portugal.

De acordo com o despacho assinado pela Diretora-Geral da Administração Escolar, Susana Maria Godinho Barreira Castanheira Lopes, compete à nova CAP garantir o normal funcionamento da Escola Portuguesa de Moçambique - Centro de Ensino e Língua Portuguesa, até à conclusão do procedimento concursal para o recrutamento dos membros da Direção da Escola.



António Marques
Subdiretor



Cristina Viana
Adjunta

Comissão Administrativa Provisória | 2018-2020



Dina Trigo de Mira
Presidente





21 anos marcados pelo reconhecimento

Música, teatro, poesia e dança marcaram o 21.º aniversário da EPM-CELP, associando vozes de Portugal para homenagear mérito de alunos e Presidente cessante da CAP

A sessão solene é evento tradicional da EPM-CELP, que simbolizou as comemorações dos 21 anos da existência da nossa escola, num misto de emoções que fizeram correr lágrimas de alegria e de tristeza pelo reconhecimento do mérito de alunos no desempenho escolar durante o ano letivo 2019/2020 e pela despedida da presidente da Comissão Administrativa Provisória, Dina Trigo de Mira.

Embora restringida pelas medidas de precaução da Covid-19, a cerimónia foi testemunhada por figuras diplomáticas portuguesas e moçambicanas, alunos, pais e encarregados de educação, funcionários e professores da Escola.

No seu último discurso enquanto dirigente da instituição que liderou durante 14 anos, Dina Trigo de Mira frisou que a EPM-CELP deve continuar a estar em sintonia com o seu tempo. Deve “ser moderna, adaptável, capaz de formar cidadãos preparados para lidar com mudanças constantes e imprevisíveis, preparada, também, para olhar o mundo e as pessoas como o bem mais precioso a preservar, sabendo que cada ação pode contribuir decisivamente para a sustentabilidade do planeta e da nossa qualidade de vida”. Referiu ainda que por isso “orgulhamo-nos dos nossos alunos que hoje vão receber os merecidos prémios. Eles representam o sucesso da missão educativa que assumimos”.

Emocionada, agradeceu a todos que contribuíram para o sucesso da sua função, sem distinção de cargos: “Aproveito a oportunidade para dirigir algumas palavras de apreço e agradecimento a todos que trabalharam comigo direta e indiretamente ao longo dos últimos 14 anos. Foi um privilégio ter contado com a dedicação e a amizade de todos. Deixo um pouco de mim, mas levo muito de todos vós”, concluiu.

No campo protocolar, em vídeo-discurso, o Presidente da República Portuguesa, Marcelo Rebelo de Sousa, destacou o papel de seu pai, Baltazar Rebelo de Sousa – patrono do prémio de mérito escolar com o seu nome que distingue o melhor aluno do 11.º ano da EPM-CELP – ao serviço dos laços de fraternidade entre as pátrias irmãs, Portugal e Moçambique. Outra mensagem, gravada, foi endereçada pela Secretária de Estado da Educação de Portugal, Inês Ramires, enaltecendo o papel da atual diretora da EPM-CELP, Dina Trigo de Mira.



Homenagens de Portugal para Moçambique



“Sempre ao serviço de Moçambique, porque esse é o vosso objetivo”

“De Lisboa para Maputo, um grande abraço de felicitações à EPM-CELP que tem resistido a tudo em tempos muito difíceis de pandemia. Acompanho par e passo o que se vive em Moçambique, pátria irmã, o que, naturalmente, tem sido o papel desta escola no reunir uma comunidade de alunos de todo mundo, muito diferenciada e de qualidade que

nos honra, a nós portugueses e aos nossos irmãos moçambicanos. O prémio Baltazar Rebelo de Sousa é uma invocação do representante do poder colonial que percebeu muito do que era a vida do então colonizado. Isso estabeleceu um traço de ligação pessoal e institucional que, de alguma maneira, é o que tem de melhor a Escola Portuguesa de Moçambique: a fraternidade, a solidariedade, a aposta no futuro, a superação daquilo que possa ter havido de menos bom no passado (...) a Educação é portadora do futuro. Eu sou professor. É o mais importante da minha vida porque é a minha vocação. Como Presidente da República Portuguesa quero testemunhar o apreço, a gratidão e a aposta no futuro do projeto educativo desta escola, a projetar o que Portugal tem de melhor, mas sempre ao serviço de Moçambique em primeiro lugar”.

Marcelo Rebelo de Sousa

Presidente da República Portuguesa



“Contamos com os frutos que semeou nesta grande escola do mundo e para o mundo”

“Agora que se cumprem 21 anos, é de justa homenagem dizer-se que a EPM-CELP representa mais do que a soma daquela visão, do esforço e dos desafios de criação de uma escola. A Escola, nas pessoas que a reinventam a cada dia, está de parabéns. Mais do que cumprir a sua missão, tem

respondido a uma missão de todos nós: um futuro melhor e mais humano. Com gratidão, reconheço o papel da professora Dina Trigo de Mira, neste momento em que se assinala o fim das suas funções. Importa evocar o exemplo que do seu trabalho para a escola, os seus profissionais, os professores e, acima de tudo, para gerações de alunos que como cidadãos do mundo ali se formaram. Deixou provada uma capacidade de gestão e de liderança, num contexto monetário adverso. Das ciências às artes, das atividades às festividades, das publicações às instalações, exaltou o valor da cooperação. Por isso, contamos com os frutos que semeou nesta grande escola do mundo e para o mundo”.

Inês Ramires

Secretária de Estado da Educação de Portugal

Como resultado da adesão da EPM-CELP ao Plano Nacional das Artes, o Plano Cultural de Escola inspirou e deu corpo a um leque de atividades que, durante duas semanas, marcou as celebrações do Dia Língua Portuguesa e dos 500 Anos da viagem de Circum-Navegação de Fernão de Magalhães. Exposição de pintura e desenho, palestra, teatro, música e dança foram as atividades dinamizadas ao longo do programa intitulado “Viagens Magalhânicas à Volta da Língua”, em parceria com o Camões - Centro Cultural Português. Congregou diversas áreas de ensino e projetos multidisciplinares da nossa escola, reforçando a cooperação com Moçambique, a promoção da literacia através de bibliotecas escolares e de publicações de livros.

Vida e arte para celebrar



A celebração do Dia da Língua Portuguesa, no dia 5 de maio, revelou emoções fortes unindo, através da Língua, ideologias, homenagens, visitas à exposição, danças, entre outras manifestações artístico-culturais que, nos diferentes recantos da escola, constituíram o percurso que acolheu a comunidade escolar e figuras dos Governos de Portugal e Moçambique, evidenciando plasticidade, multiculturalidade, musicalidade e a riqueza da Língua Portuguesa, celebrada em 44 países.

O dia iniciou com a receção ao Embaixador de Portugal em Moçambique, António Costa Moura, na sua primeira visita à EPM-CELP, sua comitiva e demais

convidados que, depois de uma interpretação musical de boas-vindas por um coro constituído por alunos do oitavo ano e uma dramatização com o professor Rogério Manjate, efetuaram uma “viagem” guiada à exposição do artista plástico moçambicano Dito Tembe, patente no átrio de entrada principal da escola, retratando a viagem de Fernão de Magalhães. Seguiram-se, no Pátio das Laranjeiras, momentos de homenagem ao escritor Calane da Silva, a visita à biblioteca escolar José Craveirinha, onde decorreram a oferta de maletas de leitura à escola Pública da Província de Inhambane no âmbito do projeto “Mabuko Ya Hina” (Os Nossos Livros), vocacionado para a promoção da leitura e da escrita nas escolas de Moçambique e o lançamento do livro

Discursos | Língua Portuguesa exalta valores e educação

“ Uma Língua pluricêntrica, de paz, solidariedade, acolhimento e de cooperação, mas também de pedagogia, de debate e de discussão (...), de diversas musicalidades, variantes e registos, de múltiplos sons e com uma apetência única para se adaptar, sem perder a sua identidade, tornando-se, assim, um dos principais idiomas a nível global”.

António Costa Moura | Embaixador de Portugal em Moçambique

“ A consolidação da nossa Língua é uma condição necessária para o crescimento dos nossos países e a Educação é o caminho para esta mesma consolidação”.

Luísa Antunes | Presidente da Comissão Administrativa Provisória (CAP) da EPM-CELP



magia da Língua Portuguesa

“Contar histórias com avó ao colo”, uma antologia que reúne textos de escritores de oito países da CPLP.

No seu discurso, o Embaixador de Portugal em Moçambique destacou os feitos da nossa escola no âmbito da cooperação entre as instituições portuguesas em Moçambique, garantindo que a EPM-CELP é, e será sempre, “um parceiro de excelência da nossa Embaixada e apraz-me saber e prever que a frutuosa cumplicidade entre as nossas duas instituições resulta neste e nos inúmeros projetos comuns que nos animam para o futuro”, afirmou, sublinhando que “acredito que, juntos, seremos capazes de continuar a construir esta fantástica língua comum, que, como bem refere o Senhor Presidente do Instituto

Camões, é feita de cumplicidades e de pontes, sempre com o especial sal dos oceanos e mares que envolvem o seu imenso espaço geográfico”.

Estiveram igualmente presentes no evento o Secretário Permanente do Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano, Abel Assis, que enalteceu a multiculturalidade da nossa escola assim como a cooperação entre Moçambique e Portugal. Também marcaram presença a Cônsul Geral de Portugal, Maria Morais Silva, a Diretora Nacional do Ensino Primário, Gina Guibunda, o Diretor do Camões-Centro Cultural Português em Maputo, João Pignatelli e os membros da Comissão Administrativa Provisória da EPM-CELP.

De Portugal para o Mundo

“ Não só em Portugal se é português. Com diversas origens, costumes e religiões, com nomes nem sempre muito ouvidos por cá, cada pessoa que, como vocês, usa a Língua Portuguesa, que estuda e aperfeiçoa, tem em si o poder de ser Portugal. (...) Muito mar e muita terra nos separam. Fusos horários diferes, algumas estações do ano até trocadas, mas há uma certeza que nos une e unirá enquanto houver quem a estude e a use: a Língua Portuguesa. Vamos, por isso, festejá-la usando-a ”.

Inês Ramires | Secretária de Estado da Educação

HOMENAGEM

Calane da Silva (1945-2021)

Leitura, dramatização de textos, uma exposição, fotografias do autor, desenhos/ilustrações produzidos por alunos exaltaram “amigo” da EPM-CELP.





“Viagens à Volta da Língua” de Magalhães aguçaram criatividade dos alunos

Nos dois primeiros dias do projeto “Viagens à Volta da Língua”, inserido nas comemorações dos 500 anos da viagem de circum-navegação de Fernão de Magalhães, a EPM-CELP viveu a magia das artes e inspirou os alunos através de várias atividades. No dia 26 de abril, inaugurou-se, no átrio principal da escola, a exposição “Magalhães à Volta do Mundo pelo Olhar Moçambicano”, do artista plástico Dito Tembe e de alunos do ensino secundário. Obras de desenho e pintura uniram o abstrato e o figurativo numa sinfonia colorida, conforme necessário para traduzir amizades, desconfianças, dificuldades da circum-navegação e memórias da centenária viagem de Fernão Magalhães.

Para além da forma, objeto da arte, os trabalhos agregaram valor pedagógico sobre a viagem do navegador português, incidindo na manifestação de competências e saberes associados à Língua Portuguesa, Matemática, Educação Visual, Ciências Físico-Químicas, Geografia, Ciências Naturais e História. “Este trabalho é resultado das condições que foram criadas. Contar a história de Fernão de Magalhães exigiu de mim muita leitura, para perceber o contexto, a história e a vida há 500 anos. Quando soube que a exposição seria na EPM-CELP, fiquei feliz porque vislumbrava uma experiência única. Aprender com crianças é genuíno. Elas são expressivas e espontâneas. E essa é a vantagem de trabalhar com

elas: têm muito que ensinar”, explicou o artista Dito Tembe.

Com traços autónomos, as obras dos alunos das turmas de Artes, dos 10.º, 11.º e 12.º anos do ensino secundário, não foram apenas desenhos, mas ilustrações cuja base foi compreender, entregar-se e espelhar a vida de Magalhães.

A exposição enquadrou-se no projeto EPM-CELP Sustentabilidade de Culturas e Linguagens, integrado no Plano Nacional das Artes, cujo objetivo principal é unir todas as manifestações artísticas da escola no mesmo palco em parceria com o Camões – Centro Cultural Português em Maputo.

A história de circum-navegação na voz do Comodoro

Ainda na senda das celebrações de Magalhães, no dia 27 de abril, o Comodoro Proença Mendes, falou, através da plataforma Teams, aos alunos do ensino secundário da sua experiência enquanto Comandante do Navio-Escola Sagres que deu a volta ao Mundo em 2010. Revelou segredos sobre a primeira viagem do navegador português. Os momentos e as emoções da viagem, na perspetiva de eternizar a vida e obra de Fernão de Magalhães, fizeram com que o capitão-de-fragata e uma guarnição composta por cerca de 200 marinheiros, entre os quais 345 cadetes da Escola Naval, vivessem 339 dias a bordo de um veleiro de 90 metros de comprimento, construído num estaleiro alemão na década de 1930. Das lições no mar, Proença Mendes afirmou que aprendeu que a viagem é uma das melhores formas de fazer um líder com a autoconfiança, a coragem, a firmeza, a decisão e a capacidade de julgamento.





LUÍS PEDRO PINTO PROENÇA MENDES |

Comodoro Capitão-de-Mar-e-Guerra da classe de Marinha

“Barca Sagres é Embaixada Itinerante da Portugalidade”

Simpatia e admiração são marcas do Navio Escola Sagres que continua a conquistar o Mundo através de memoráveis itinerâncias que espalham portugalidade, revelou Proença Mendes evocando a diversidade de encontros com lugares e personagens numa aventura pela Língua, com saudades, e o desafio de motivar 150 pessoas a bordo.

Na sua opinião qual é o principal legado de Fernão de Magalhães para a cultura portuguesa e o Mundo?

Começando pela cultura portuguesa, Magalhães é mais um dos produtos da mítica “Escola de Sagres” que realiza um feito de navegação digno de realce, ainda que ao serviço de um outro reino. Foi assim com Colombo e com Cabrilho. A “Escola de Sagres” reuniu o *cluster* de conhecimento que veio permitir a expansão marítima portuguesa, mas não se fica pelos conhecimentos técnicos porque a experiência de andar no mar também

é fundamental e Magalhães ganhou-a navegando nas carreiras portuguesas para o Oriente e nas navegações que por lá realizou. O seu legado para o Mundo foi precisamente dar acesso a espaços que ainda não eram conhecidos: a sua rota pelo estreito que tem o seu nome, permitiu a realização de carreiras para a costa oeste das américas, o acesso ao Havai e a muitos outros locais importantes. Note-se que só 400 anos depois é que esta rota foi complementada pelo Canal do Panamá, que se justificou pela importância que as terras do

Pacífico ganharam com a passagem do estreito.

Como avalia a ousadia de Magalhães ao empreender a viagem de circunavegação naquela época?

Foi realmente uma ousadia a vários níveis. A ousadia de partir para o desconhecido, de se fazer acompanhar por elementos cuja lealdade era duvidosa e de saber que os portugueses não o receberiam de forma amistosa nas terras que dominavam e por onde ele teria de passar. Mas esta foi a ousadia de

levou os portugueses para além-mar e onde ele forjou a sua temperança de marinheiro e de líder. Magalhães revelou uma enorme coragem e ousou confiar nas suas convicções e arriscar...

Os 500 anos de Magalhães foram associados à celebração e valorização da Língua Portuguesa. Como relaciona os dois aspetos?

Trata-se de uma oportunidade que não pode ser desperdiçada uma vez que a valorização e afirmação da nossa Língua permite reforçar os laços entre as comunidades que a partilham e a viagem de Magalhães tocou muitas destas comunidades. E esta associação está bem patente nas celebrações que tenho vindo a observar e participar em Moçambique. Li algures que o assento til (~) é muito característico da nossa Língua e remete para as ondas do mar, numa associação gráfica que também considero interessante.

Quais são os principais desafios enfrentados por Magalhães naquela viagem?

Inúmeros! Para os perceber, abordarei equipamentos e sistemas de informação de que hoje dispomos e que há 500 anos nem imaginavam que precisariam deles, nomeadamente frigoríficos ou enlatados para o problema da conservação da alimentação; informação climatológica para desenhar as rotas e informação meteorológica para preparar os navios para as tempestades; sonda, para saber a profundidade de água abaixo da quilha; cartas náuticas, para saber onde estamos, onde está o nosso destino e que perigos esconde o mar; motor, para quando não há vento ou para fugir às tempestades; serviços de abastecimento nos portos de passagem; assistência médica; serviços de busca e salvamento marítimo, GPS, comunicações, etc.

Quais são as atuais facilidades ou dificuldades de uma aventura marinha à volta do mundo?

É certo que a evolução da tecnologia nos tornou muito mais dependentes de determinadas comodidades que tornam os navios atuais mais complexos e cujas avarias em equipamentos e sistemas nos causam adversidades que muitas

vezes roçam a angústia. Sabemos, porém, com muito rigor, onde navegamos, a localização dos perigos mais próximos, quando chegamos ao próximo porto, quem nos espera, o que nos espera... Dispomos do apoio de inúmeras entidades que produziram cartografia, que publicam estudos climatológicos, que divulgam previsões meteo-oceanográficas, que informam sobre os novos perigos e que acompanham quem anda no mar. Mas o mar é o mesmo que Magalhães enfrentou e é tão capaz de destruir uma pequena nau como um grande navio.

Quais os momentos mais marcantes enquanto Comandante do Navio Sagres?

Começa desde logo pelo momento em que nos selecionam para esta nobre missão que é comandar um navio cheio de História, que representa a portugalidade e que tem três missões que o distinguem, designadamente, tornar marinheiros os alunos da Escola Naval, ser Embaixada itinerante de Portugal e da portugalidade, visitar as comunidades portuguesas pelo Mundo fora. Depois, há inúmeras situações especiais tais como a passagem do Cabo Horn, a chegada a um porto icónico, a realização de uma manobra difícil como virar por davante, a receção de pessoas importantes a bordo, etc. Mas o que mais me tocou foram os apitos de volta à faina, quando termina a manobra de atracação no regresso a Lisboa das grandes missões.

Que tipo de emoções se experimenta numa viagem desta natureza?

Orgulho! Realização pessoal como marinheiro e como militar! Saudades!!!

Qual é a elegibilidade das pessoas para uma viagem no Sagres?

Tornamo-nos elegíveis quando entramos para a Marinha e cumprimos os nossos programas de formação e treino, cada um ao seu nível. A Marinha prepara bem os seus marinheiros e depois é uma questão de bom planeamento e boa liderança das missões que nos são atribuídas.

O que ressalta das interações locais em cada paragem do Sagres pelo mundo?

O que mais me impressionou nos cerca de 50 portos que visitei como



Comandante da “Sagres” (eu digo “a Sagres” porque se trata de uma barca) foi a dimensão que Portugal tem aos olhos do Mundo, seja nas Américas, África ou Ásia. É um grande país para o qual não encontrei anticorpos, antes admiração e simpatia.

Como é liderar uma expedição à volta do mundo?

É estar sempre atento, com todos os sentidos em cima, seja para os perigos da navegação e da meteorologia, seja para o bem-estar da guarnição ou para o conforto dos que visitamos e acolhemos a bordo. A maior tarefa é liderar 150 pessoas e motivá-las para que cumpram sempre cada tarefa com o profissionalismo e segurança que definimos da primeira vez, e que recebam cada visitante como o mesmo entusiasmo que receberam os do primeiro porto, fazendo-os sentir que são especiais para nós. É antecipar tudo o que pode correr menos bem e ir a tempo de corrigir o caminho para o erro! É trabalhar muito para que, no final da missão, nos digam que tivemos muita sorte e passámos safos de todos os perigos que poderiam ter impactado negativamente a viagem! É muito absorvente, mas muito gratificante!



Para além da formação da Marinha portuguesa que valor educativo reveste a experiência do Sagres para a juventude?

Mais do que uma escola de marinheiros, a “Sagres” proporciona uma oportunidade única de desenvolvimento da autoconfiança, coragem, firmeza e capacidade de julgamento, precisamente algumas das qualidades que a Marinha precisa nos seus líderes. Para utilizar o vento em seu favor, a “Sagres” depende do saber e do trabalho da sua guarnição, da qual os alunos (futuros oficiais da Marinha) fazem parte, e que têm de

trabalhar como uma equipa que é decisiva em circunstâncias de mau tempo, em que o medo e a exigência física são levados ao extremo para dar uma resposta rápida e eficiente às necessidades do momento.

E a sociedade em geral?

A sociedade civil também está a utilizar os grandes veleiros para a formação de jovens, como se pode verificar através dos vários navios civis normalmente presentes nos encontros deste tipo de navios, havendo mesmo aqueles que embarcam pessoas com deficiências, e outros com projetos de recuperação de jovens marginalizados e indivíduos problemáticos.

Qual é o papel da Sagres na difusão da portugalidade pelo cruzamento de culturas e povos?

Dá-se a feliz coincidência de Portugal se ter mostrado ao Mundo através dos seus navios à vela. A “Sagres” é uma barca de três mastros com 1900 toneladas, quatro vezes mais que a soma dos deslocamentos dos cinco navios que largaram de San Lúcar de Barrameda em setembro de 1519, cujo navio-chefe era a “Trinidad”, com apenas 110 toneladas. Trata-se de um navio robusto e com muito boas

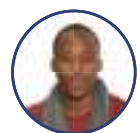
qualidades náuticas, construído há 84 anos, que incorpora os ensinamentos de centenas de anos de venturas e desventuras no mar. Equipado com modernos equipamentos de comunicações e posicionamento, confortável e seguro, proporciona à sua guarnição condições que há 500 anos eram inimagináveis. Representa um desporto moderno e tem a possibilidade de levar a Língua, a cultura, a gastronomia e a simpatia dos portugueses aos quatro cantos do Mundo, numa oportunidade única de transportar a tal portugalidade para fora de Portugal.

Alguma meta ou desafio que o Sagres projete nos tempos vindouros?

O desafio da “Sagres”, sempre com comandantes e guarnições renovadas, é cumprir ano após ano as três missões que elenquei anteriormente, com sucesso, para que continue a ser a referência que é para a Marinha, para Portugal e para a portugalidade a que pertence e representa.



Ndividuane: onde a solidariedade liberta sorrisos



Texto
Reinaldo Luís

Na aldeia de Ndividuane, a cerca de 100 km da Capital moçambicana, centenas de famílias, outrora dispersas por várias aldeias do distrito de Namaacha e em condições precárias, vivem hoje um sonho. Desde 2001 beneficiam de ajuda na construção de casas, têm alimentação diária garantida, creche, berçário, escola primária completa, fontenária, centro de saúde, refeitório e residências de acolhimento para professores, enfermeiros e alunos. O gesto de solidariedade é da Associação Capulana e, em tempos de pandemia, vai para além de um contributo para a edificação de uma povoação: renova a esperança e liberta sorrisos.

Nove de dezembro de 2020: saímos de manhã cedo, a bordo de um Nissan X-Trail do coordenador do Centro de Recursos Educativos (CRE) da Escola agora com funções de motorista. A chegada à aldeia foi uma epopeia. O longo caminho, depois da vila de Boane, ficou maior pelos obstáculos da estrada de terra batida na boa parte do percurso. Quem se atreve a entrar, geralmente, tem muito por lá a fazer. A agricultura, o comércio informal (em escala reduzida) e a pastagem do gado, asseguram o sustento das famílias que vivem por todo o canto daquele distrito.

E em Ndividuane não é diferente. Embora tenha reduzido nos últimos cinco anos, adolescentes e jovens persistem com a atividade de pastagem e na migração para a vizinha Suazilândia (Reino de Essuatíni). A fome e a desocupação figuram-se os principais motivos. “Agora está mais ou menos. Antes das infraestruturas feitas pela Capulana, os nossos filhos nem cresciam. Migravam pequeninos em busca de melhores condições de vida. Outros voltavam e alguns não”, contou Alfredo Gabriel Langa, fundador da aldeia.

No princípio de 2001, foi confiada ao ancião a tarefa de mobilizar famílias oriundas de vários povoados para a construção de uma aldeia. O incentivo era uma cesta básica e espaço para a prática da agricultura para cada agregado. Os voluntários limpavam tudo, inclusive contribuíram para a abertura das estradas. Em pouco tempo, o projeto cresceu e o incentivo às populações aumentou. Começaram, então, a distribuir dez chapas de zinco, três sacos de cimento, pregos e barrotes para que a população fixasse residência na aldeia. A vida em comunidade instalou-se e assim surgiu Ndividuane, no princípio, com 30 famílias. Atualmente vivem na aldeia cerca de 4.000 pessoas, em 700 famílias.

Uma Escola para além do “ABC”

Com a construção da Escola Primária Completa de Ndividuane, em 2003, emergiu na aldeia e nas famílias, já instaladas, um novo paradigma: largar

o gado e a machamba para investir na Educação. A ideia foi aplaudida, mas a sua implementação por parte da população gerou alvoroço: “Não foi tarefa fácil, principalmente numa localidade como esta, onde ainda impera a imposição e o machismo.

Outros perguntavam quem iria cuidar do gado se o seu único filho fosse à escola. O mesmo acontecia com as meninas, por causa da machamba”, explicou Saugina Rafael, diretora da EPC Ndividuane.

Há tempos, existia uma escola primária na comunidade. Era pequena, isolada e não albergava, de uma vez só, sequer 30 alunos. Diferentemente desta, que é completa, a antiga lecionava até à quinta classe, o que para a diretora, limitava a aprendizagem dos alunos.

“Antes, depois da conclusão da quinta classe, os alunos eram obrigados a caminhar cerca de 20 quilómetros até à escola de Changanane. Devido à distância e à falta de condições financeiras para o transporte, muitos acabavam desistindo. E é também essa a nossa preocupação atual: o ensino secundário. As escolas secundárias estão muito distantes da aldeia e isso propicia o abandono após a conclusão da sétima classe”, disse.

A incerteza sobre o futuro dessas crianças é notável e Saugina Rafael acredita que, com a consciencialização, é possível quebrar barreiras. Ou seja, “é preciso que a população perceba que a escola é importante. Essa é a nossa missão. Transformar mentalidades. É preciso incentivá-los a investir na educação. Não é fácil, sim, mas é necessário”, salientou a diretora.

A Educação em tempos de pandemia

Em Ndividuane, a escola apresenta-se como uma segunda casa para adolescentes e jovens da aldeia. Todos têm lá as suas refeições e outros, idos de povoados vizinhos, um internato para viver. Com a eclosão do coronavírus e o conseqüentemente encerramento das escolas, todos os esforços quase que se goraram. A troca dos livros pela pastagem do gado,

pela machamba e o surgimento de gravidezes precoces são o reflexo do descuido e da ausência de ocupação. “Não sei se viram, mas tem uma menina da sétima classe que está grávida. Isso aconteceu durante o período em que estiveram em casa. Agora sensibilizamos a voltar à escola para que, pelo menos, consigam ter o certificado da sétima classe”, lamentou a diretora.

Comentando a respeito, João Paulo Videira, coordenador do CRE, referiu que tudo tem um efeito dominó. Ou seja, “quando se fecha a escola, não só se perde a instrução, mas a vida da criança fica abandonada. A escola é fundamental para manter a estabilidade da família e da comunidade”, disse.

Outro problema tem a ver com o acesso às fichas. De acordo com a Diretora, para evitar maior contágio na escola, no período de pico da pandemia, só os encarregados de educação tinham autorização para levantarem as matérias dos seus educandos. Porém, porque muitos se mostravam desinteressados, os professores eram obrigados a levar as fichas a casa dos alunos.

Saúde para a população

A saúde dos habitantes da aldeia de Ndivinduané não foi esquecida. Construído igualmente em 2003, o Centro de Saúde conta com serviços de enfermagem geral, para vacinação e pequenos tratamentos; farmácia; medicina preventiva, focada no combate ao HIV na aldeia, e saúde materno-infantil. O funcionamento dos serviços é garantido por três enfermeiros, uma técnica de farmácia e um agente de serviço que, para além dos trabalhos especiais, dão também formação à população, incluindo alunos, sobre as práticas de higiene, a sexualidade, o planeamento familiar e a prevenção de doenças.

De acordo com Isabel Jelasse Coco, enfermeira de saúde materno-infantil, o centro consegue realizar oito a dez partos mensalmente. A localização e as condições técnicas, pessoais e materiais, condicionam o trabalho, ditando, assim, que todos os partos sejam naturais. Em caso de situações mais urgentes, é disponibilizada uma ambulância que os transporta até aos hospitais de Boane ou Provincial de Maputo,

consoante a gravidade do caso.

Sobre as dificuldades enfrentadas no centro de saúde, a enfermeira afirmou que os maiores residem no planeamento familiar e nos partos. E argumenta: “ainda persiste o hábito de realizarem partos em casa. E no planeamento familiar, os homens são a ponta do icebergue do problema: não aceitam que as suas esposas façam o planeamento. Muitas tomam pílulas às escondidas”, narrou Isabel Jelasse.

O dilema não afeta somente a população adulta da aldeia. O machismo dos pais exibe-se igualmente nas decisões dos alunos, tanto no planeamento como no apadrinhamento de casamentos prematuros. “Uma adolescente no ano passado inseriu o implante. Então, houve um grande barulho em casa, o pai não queria. A miúda tinha um marido e a alegação é de que o fulano não ia gostar”, concluiu.

A enfermaria geral também enfrenta os seus problemas. Nataniel Andela é enfermeiro geral daquele centro de saúde e, segundo contou, as agruras do seu setor têm a ver com a desistência dos pacientes às consultas. E a razão é simples: é distante e é o único centro de saúde num raio de 30 quilómetros. “Por exemplo, na data marcada para a consulta de um paciente, se chover ou se o mesmo não apanhar chapa, fica em casa”, disse.

A enfermaria atende, por mês, cerca de 700 pacientes, maioritariamente com HIV. A adesão ao Tratamento Antirretroviral (TARV) é também outro problema, uma vez que, estando na zona fronteira, a população prefere refugiar-se na vizinha Suazilândia, impossibilitando-os de levantar os medicamentos e cumprir com a medicação.

Quando tudo começou

A Capulana nasce como gesto de agradecimento a um país, a um povo: Moçambique. Os seus sócios fundadores, um casal de portugueses, José Costa e Fátima Costa, que viveu a sua infância e juventude em Lourenço Marques, actual cidade de Maputo. Por tudo o que aqui viveram e por tudo o que desta terra receberam, desde cedo, sentiram uma enorme dívida de gratidão para com o país e para com o povo e nasceu assim a

intenção de criar esta comunidade.

Em 2000, amadurecida a ideia, e reunidas as condições, faltava saber onde construir, tendo como única condição que fosse numa zona muito carenciada. É nesta altura que o casal fundador conhece o Padre José Maria, responsável e fundador da Casa do Gaiato de Maputo, cuja obra abrangia uma grande área do Sul de Moçambique.

Foi através do Padre José Maria que foi identificada uma população carenciada, que vivia bem perto do Rio Changalane e das serras que fazem fronteira com a Suazilândia, local em tempos destinado a acolher desalojados de guerra.





SHARLENE RASTON | Psicóloga e antiga aluna da EPM-CELP

“Amor e compaixão são a fórmula secreta da educação contra a violência”

Psicóloga, filósofa e escritora, antiga aluna da EPM-CELP, Sharlene Raston defende que o êxito humano depende dos valores promovidos pela Escola e pela família. Destaca ensino exigente e práticas animadas pelo espírito de camaradagem e professores inspiradores.

Que memórias destaca do seu percurso estudantil na EPM-CELP?

Quando penso nos tempos da escola, lembro-me sempre da perfeição que não é possível pôr em palavras. Eu gostava das instalações, era tudo muito perfeitinho e adorava os professores. Tive professores que nos inspiravam de tal forma que, para aprendermos mais, até marcávamos momentos de estudo com eles, aos fins-de-semana. Também me lembro da união que tínhamos quando estudávamos, fazíamos sempre grupos de estudo fora das aulas e havia sempre o objetivo de todos passarem os apontamentos e todos darmos o nosso melhor. Puxávamos imenso uns pelos outros e foram momentos acolhedores.

Quais são os principais contributos desta instituição na sua formação?

O ensino da EPM-CELP foi relativamente exigente e conseqüentemente desenvolvi capacidades elevadas em diferentes áreas, o que tornou a minha experiência universitária muito mais fácil. Por isso, o ensino desta escola preparou-me para a universidade.

Algum evento ou personalidade marcante da tua época estudantil?

A professora de filosofia, Ana Paula Jesus, marcou-me imenso. E acredito que o caminho que segui como filósofa, escritora, formadora e psicóloga teve uma influência muito forte da aprendizagem com ela. Pelo amor que ela tinha pelo conhecimento, assim como a sua forma de transmitir a ciência, colocou em mim uma semente numa terra

extremamente fértil. O que me levou a crescer nesta sede do conhecimento. Pela sua serenidade, pelo seu sorriso, amor e por aquilo que fazia, mostrou-me que é possível amarmos o que fazemos e atuarmos com compaixão cada dia.

Na sua atual condição profissional, como avalia a nossa escola?

A EPM-CELP é uma escola com um ensino excelente. Tenho a convicção de que sempre foi um fator relevante e de foco principal desta escola.

Para si, quais são os principais desafios da Educação na atualidade?

Penso que é o acesso ilimitado dos alunos à informação, atendendo aos efeitos positivos e negativos que decorrem deste facto. Esse acesso tem o potencial de afetar as relações entre eles, pode levar ao isolamento, e ainda pode, entre outros, provocar o *cyberbullying* ou suscitar menor interesse pelos estudos.

Quais são os valores fundamentais de uma escola da atualidade?

União, integridade, eficiência, paixão, lealdade, honestidade, otimismo, compaixão.

Em que medida é que as famílias complementam ou alicerçam a educação formal?

As famílias têm um grau de importância na educação dos seus educandos na medida em que interagem com os filhos de forma aberta o que lhes permite partilhar os seus obstáculos, mas também é um dever da escola que, se alguma reclamação ou desconforto for apresentado, tome as medidas necessárias para introduzir mudanças positivas.

Como é que define a violência?

A violência pode ser verbal, física, agressão subtil ou em forma de *bullying*.

Como é que relaciona a violência, a família e a escola?

Alguém pode estar a viver algum tipo de violência na família e transferir os sentimentos de raiva para o contexto escolar através do *bullying* a outros alunos. Por outras palavras, é muito possível que os três fatores estejam relacionados se forem analisados com mais profundidade.

Que implicações derivam do atual contexto de ensino perante a pandemia da Covid-19?

Acredito que o isolamento é uma das piores coisas a que o ser humano possa ser submetido. O ser humano é um ser natural, ou seja, faz parte da Natureza e precisa da Natureza. O ser humano precisa de interações, de amor e de convivência. Depois de vários meses de isolamento não é surpreendente que o ser humano possa tornar-se violento como se tem vindo a observar. Consequentemente existem varias famílias desintegradas.

“...é possível amarmos o que fazemos e atuarmos com compaixão cada dia”



Como educar contra a violência?

Não se educa contra a violência. Ensina-se a compaixão.

Que contornos pode assumir a violência na relação pedagógica docente e discente?

É importante ouvir os alunos que se tornam violentos, perceber o que os motiva ao invés de tirar conclusões apenas baseadas em teorias.

Porque ocorre o bullying na relação entre pares?

O *bullying* pode ser causado por vários motivos, mas suspeito que sejam problemas interiores de quem pratica o *bullying*, relacionados com a autoestima. E fazer o *bullying* é, de certa forma, uma maneira de se sentir superior. Contudo, pode ir para além disto, como problemas psicológicos manifestados pelo prazer em ver o outro desconfortável ou infeliz. Por vezes, certos alunos fazem-no de modo a adquirir estatuto ou fazer parte do grupo mais forte.

Como gerir preventivamente os contextos abertos e de convivência autónoma entre os alunos no recinto escolar?

Os alunos precisam de crescer emocionalmente e encontrar um propósito muito cedo, de perceber o papel da Escola e o papel dos colegas na vida deles. Eles precisam de passar por um processo de aprendizagem emocional e espiritual que inclui a importância de valores e de integridade.

Como incorporar no currículo a prevenção do bullying?

Através do trabalho realizado nas disciplinas focalizadas nos valores. Indo um pouco mais além, considero que os ensinamentos ou valores providos pela religião deveriam ser reintroduzidos nas escolas. As escolas que mantiveram ensinamentos religiosos têm valores extraordinários.

Acredito que, de alguma forma, a escola deveria adotar uma perspetiva e arranjar formas de contribuir para o crescimento espiritual dos alunos promovendo valores de modo que quando alguém conversasse com eles sentisse alguma diferença e ficasse impressionado e curioso – qual foi a escola que contribuiu para que este adolescente fosse extraordinário.

Bullying vs dores de crescimento - Os limites da normalidade

Quando hoje se fala em *bullying*, se por um lado o tema desperta na psicologia a necessidade de ações para a intervenção no sentido de lutar contra (olhando tanto para a vítima como para o autor), por outro lado receio estar a fazer-se a sobrevalorização de ações que interferem num processo natural de crescimento e desenvolvimento. Particularmente nas escolas, *bullying* é das palavras que, ultimamente, muito se ouve, tanto quando nos referimos a situações em que crianças se envolvem em conflitos, mais ou menos evidentes, como, não raro, aquando do exercício da autoridade do professor dentro da sala de aula. Pois é, por mais que nos possa parecer estranho, ouvimos com frequência pais dizerem que os seus filhos sofrem de *bullying* por parte do professor quando este manda cumprir determinadas tarefas de sala de aula, como, por exemplo, a limpeza de uma sala de trabalho manuais. Observam-se, ainda, situações em que pais se dirigem à escola e nos recreios abordam, ameaçadoramente, aquele(s) com quem o seu filho se envolveu em conflitos (às vezes “zinhos”, por tão pequenos que são). Antes, ouvíamos as crianças dizerem umas às outras “o meu pai é melhor do que o teu”, hoje parece ouvirmos os pais dizerem “o meu filho é melhor do que o filho do teu pai”. Numa atitude de proteção quase irracional, mas não instintiva (o instinto animal tem um doseador de normalidade), assiste-se a comportamentos que, indiscutivelmente, tiram à criança a oportunidade de crescer. Tendo em conta a influência do contexto em que esta se insere e a facilidade com que as crianças absorvem os modelos que observam, se os meios de resolução de conflitos mostrados pelos adultos não forem de consenso e apaziguadores, mostrando, pelo contrário, a violência como forma de resolução, então teremos a promoção da violência e o “desvirtuamento dos instintos”.

Mas paralelamente ao que se vai vivendo na escola, encontramos atualmente, dentro das famílias, posições entre pais e filhos cada vez mais igualitárias, ou seja, os pais

querem ser os melhores amigos dos seus filhos (esquecem que os filhos precisam de ter pais dentro de casa e amigos fora) e cada vez mais se preocupam em (super)proteger os filhos num desequilíbrio com o que devia ser a construção da autonomia e independência que precisam de desenvolver. Esta pseudo igualdade traduz-se na prepotência que os filhos assumem no comando nas relações pai-filho, com inversão de papéis, chegando a observar-se o que podia chamar-se, igualmente, *bullying*, mas desta vez onde os pais são as vítimas e os filhos os autores. A diferença está em que esta relação se vive sob a capa de um “amor incondicional”, do entendimento de um reconhecimento e respeito máximos da criança como um ser que tem direito a escolhas, a definir prioridades e a ser a prioridade na vida dos adultos, que os pais dedicam inteiramente ao seu pequeno rei. As consequências (negativas) que daqui advêm para o desenvolvimento das crianças são imensas e não há dúvida que impedem o seu bem-estar psicológico. Sobre este tema existem dois livros bastante interessantes, O Pequeno Ditador e O Pequeno Ditador Cresceu, ambos de Javier Urra, cujo enfoque é dado ao ambiente de violência que se vive nas famílias, quando a educação é sem ou com excesso de limites, ou ainda com superproteção. (<https://www.wook.pt/livro/o-pequeno-ditador-javier-urra/190207> e <https://www.wook.pt/livro/o-pequeno-ditador-cresceu-javier-urra/17258898>, ambos consultados em 26 de abril de 2021).

A possibilidade de as crianças viverem situações adversas, como o são os conflitos que naturalmente se desenvolvem nas escolas (lugares de socialização por excelência), é o único caminho que têm para aprender, no presente e no futuro, a enfrentar frustrações, construir a resiliência, aprendendo a ultrapassar a adversidade que a vida lhes tem reservada, tanto no âmbito profissional como na construção da sua vida pessoal. Enfrentar o conflito, aprender como resolvê-lo, aprender a dizer NÃO, só se consegue quando, durante a infância e adolescência,

os pais dão oportunidade aos seus filhos para o fazerem e, seguramente, não é quando estes os privam de se envolverem e conviverem com a dor, tanto física como psicológica, mas apenas com a oportunidade de viver a dor de crescer. A sobrevalorização de ações em que as crianças disputam forças, criam marcas que, na perspetiva do pai superprotetor, lhes tiram o lugar de conforto eternizado no ninho da família, leva a que hoje elas percam a capacidade de desenvolver em si a autoconfiança e autoestima, já que lhes é retirada a oportunidade de acreditar nas suas capacidades para enfrentar situações difíceis.

Dentro do que é normal, as lutas e os conflitos vividos entre crianças e adolescentes contribuem para um crescimento saudável, tanto a nível do desenvolvimento físico como da gestão das emoções e resolução de problemas, potenciando a promoção das habilidades individuais e sociais. Comportamentos de lutas são observados entre os jovens animais, fazendo estas parte do seu processo de desenvolvimento e construção das habilidades fundamentais para a preservação da espécie.

Não obstante esta realidade, a “violência natural” vivida entre crianças deve ser cuidadosamente observada pelos adultos, tanto em casa como na escola, sob o risco desta se desvirtuar e dar lugar, efetivamente, a *bullying*.

O que há uns anos atrás era visto, com uma certa naturalidade, como rebeldia entre crianças, hoje, facilmente, se vê rotulado como *bullying*. Natural ou exagero? Estarão claras, na maioria de nós, as fronteiras entre o normal e aquilo que se observa como um possível desvio à normalidade?

Texto
Alexandra Melo





O assunto não é novo, mas continua a acontecer, todos os dias, nas suas mil e uma (novas e velhas) formas. Por isso, e porque acreditamos firmemente no poder da informação e da Educação, achamos que vale sempre a pena mais um texto sobre o *bullying*.

O artigo de hoje é sobre o nosso papel enquanto pais e educadores, e tem o seu foco no *cyberbullying*, pelas dimensões que este fenómeno assume nos dias de hoje. Pesquisamos e lemos muito, para contextualizar corretamente o assunto, e trazer os conselhos e sugestões de pessoas e instituições acreditadas, tais como a *American Psychological Association* e a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima.

Cyberbullying: O papel dos pais e educadores

Interessou-nos sobretudo o conceito de *bullying* como um problema socioecológico, ou seja, um fenómeno que deve ser entendido mediante os fatores individuais, familiares, de grupo, de comunidade e sociais. Todos estes fatores influenciam a ocorrência de comportamentos de violência ou agressão, envolvendo baixa autoestima, situações semelhantes entre irmãos, a permissividade deste tipo de comportamentos, ou até objetivos alcançados através da coação, ameaça ou de chantagens.

Atualmente, como acontece em diversas dimensões da nossa vida, as novas tecnologias vieram também transformar o *bullying*: “o que costumava ser um encontro cara a cara que ocorria em locais específicos agora pode ocorrer 24 horas por dia, sete dias por semana (...) Eu pergunto aos pais: “Vocês deixariam a vossa filha de 12 anos andar sozinha por um beco escuro?” Obviamente, a resposta é não.” A pergunta seguinte é: “Então porque deixam a vossa filha de 12 anos no computador ou enviar mensagens de texto sem monitorização?” A violência *online*, “é qualquer tipo de comportamento de agressão, ameaça ou intimidação efetuado pela internet e/ou pelas novas tecnologias, através de diversas redes sociais, com a intenção de nos magoar, envergonhar, assustar ou ofender.” Uma das formas mais comuns desta violência é o *ciberbullying*, que cresce à medida que as crianças e jovens passam cada vez mais tempo na Internet e a usar os seus telemóveis.

A dinâmica em que o *bullying* acontece é demasiado complexa e todos os fatores que mencionamos acima variam obviamente com os diferentes contextos, pelo que dificilmente as intervenções *one size fits all* são bem-sucedidas, pois não têm em conta as especificidades do ambiente em que o *bullying* tem lugar. Ainda assim, há um conjunto de orientações que são padrão e que ajudam pais e educadores a lidar com esta problemática, quando ela ocorre no seio das suas famílias ou comunidades.

Para lidar com o *bullying*

Intervir sempre que presenciarmos uma situação de *bullying*. Comunicar e permitir que as crianças se expressem livremente confiando em nós para desabafar ou para podermos encontrar as pistas que precisamos para perceber se a criança ou o jovem é vítima ou perpetrador. Nunca minimizar situações de agressão ou os sentimentos expressados pelas crianças. Ter atenção à linguagem e aos comportamentos agressivos que partem de nós próprios. Promover um ambiente de tranquilidade em casa, construtivo e sem julgamentos. Estar atento a sinais tais como o afastamento dos amigos e da família, descida de notas, hesitação em ir à escola, falta de apetite ou comer em demasia. Providenciar apoio psicológico ou terapia, para abordar de maneira profissional eventuais quadros de depressão, ansiedade ou falta de autoestima. Exigir da escola e dos professores uma rede de apoio que permita às vítimas sentirem-se amparadas e em espaço seguro quando estão na escola. Ensinar o seu filho/filha a lidar com o *bullying*: pratique em casa como ignorar provocações, como ser assertivo, ensine-o a identificar os seus amigos e protetores.

Cyberbullying, é um fenómeno em determinadas tecnologias onde podemos não ter consciência que o que está a acontecer é na realidade uma forma de violência. As agressões *online* são anónimas e praticadas em ambientes públicos em que a exposição da vítima é rapidamente multiplicada.

Por isso devemos: Informarmo-nos para educarmos a nós próprios e aos nossos filhos; ativar as os controlos parentais nos dispositivos eletrónicos das crianças; participar nas suas redes sociais (o que nem sempre é fácil, nós sabemos!) e acompanhar, monitorizar, controlar!

Como sempre, as nossas palavras de ordem são solidariedade e empatia. Precisamos de confiar que somos uma verdadeira comunidade e que vamos cuidar de todos e de cada um de nós. Precisamos de comunicar mais e partilhar as experiências e os recursos que temos, para o bem comum desta comunidade. Na APEE cremos profundamente que “é precisa uma aldeia para educar uma criança” e no que toca ao *bullying* não é diferente.



EPM-CELP amparou crianças através de cânticos, alimentos e livros

Em três ações de solidariedade, a EPM-CELP cumpriu o seu papel social e de cooperação, com transparência e legitimidade, ao celebrar o Natal Solidário com os necessitados; doar cerca de 600 livros infantis, ao colaborar com o Projeto PANELA AID que está a construir uma Escola Primária em Mucombe, Dombe, no distrito de Sussundenga, em Manica, e centenas de materiais didáticos, à Plataforma Makobo, para ajudar nos momentos recreativos e reforçar a literacia nas crianças do Acampamento 25 de Junho, deslocados do conflito na província nortenha de Cabo Delgado. As doações feitas em dezembro, abril e maio visam apoiar as famílias desalojadas na sequência dos ciclones e dos conflitos no centro e norte de Moçambique, que já tiraram milhares de crianças da escola.

No Natal, as turmas do 5.º ano do ensino básico da EPM-CELP celebram o momento virtualmente, interpretando “Estou além” de António Variações, combinando momentos de música, declamações, cânticos de Natal e dança, protagonizados por nove centros de acolhimento, designadamente a GAS Porto Moçambique em Macia, Lar Nossa Senhora dos Desamparados, Alulamile Vila das Crianças, Projeto Esperança, Obra Dom Orione, CRRS Mahotas – Irmãs Hospedeiras do Sagrado Coração de Jesus, Casa do Gaiato de Maputo, UPG – Um pequeno Gesto, Uma grande ajuda e Escolinha Kutsaca. Organizado anualmente, há já 11 anos, o evento tem como objetivo apoiar projetos de cariz social e ajudar os mais carenciados.

Livros para 25 de Junho

Em maio, foram entregues, na Plataforma Makobo – outro braço solidário que atua em Moçambique – centenas de materiais didáticos para ajudar nos momentos recreativos e reforçar a literacia nas crianças do

Acampamento 25 de Junho. Os KITS de doações, organizados por alunos e encarregados de educação da EPM-CELP, bem como pela Plural Editores, são compostos por livros didáticos, de desenho livre, borrachas, cadernos



nos formatos A4 e A5, canetas, lápis, mapas de África, do Mundo e do corpo humano, pastas de modelagem, entre outros.

De acordo com a presidente da Comissão Administrativa Provisória (CAP) da EPM-CELP, Luísa Antunes, as doações representam, além da

solidariedade e humanismo, um aprendizado para os nossos alunos. Ou seja, “queremos que os nossos estudantes cresçam num ambiente humano e que saibam valorizar a vida de outrem”, disse a dirigente para quem “estamos sempre dispostos a ajudar.

50 baldes de produtos alimentares

Uma campanha para o “Cabaz Solidário” organizada pela EPM-CELP e a VAMOZ (Voluntários Anónimos de Moçambique), conseguiu angariar 50 baldes de 30 litros de diversos produtos alimentares. As doações, feitas por alunos, encarregados de educação e trabalhadores da EPM-CELP, foram entregues a dezenas de famílias carenciadas no Centro de Reabilitação Psicossocial das Mahotas (CRPS), pertencente às Irmãs Hospitaleiras do Sagrado Coração de Jesus, num gesto de solidariedade que, para além de animar os beneficiários, renovou as esperanças dos doadores.

A iniciativa, impulsionada na EPM-CELP pela Coordenação de Ciclos, com a colaboração do CRE foi gerida no terreno juntamente com a VAMOZ.



Teresa Noronha é vencedora da primeira edição do prêmio Maria Velho da Costa com o “Tornado”

A escritora e responsável pelo setor de publicações da EPM-CELP, Teresa Noronha, venceu a primeira edição do prêmio Maria Velho da Costa. O galardão, no valor pecuniário de 2.500 euros, incluindo apoio à edição da obra pela Sociedade Portuguesa de Autores, foi criado em setembro de 2020 para homenagear a escritora portuguesa que morreu em maio do mesmo ano.

A novela “Tornado”, a qual suplantou um universo de 80 textos inéditos, é, segundo a autora, um misto de acontecimentos que marcaram a sua vida. “É um livro que levou quase dez anos a escrever, que tem uma parte de memórias ficcionadas. Não é propriamente um livro autobiográfico, mas parte de uma dada realidade”, revelou a escritora para quem “este prêmio vem validar-me como escritora. Eu precisava sentir que o que escrevi tem valor literário, não só para mim, mas para os leitores também. E eu precisava disso, porque é um livro bastante pessoal. Foi sobretudo por isso que concorri”.

Sobre o prêmio, que homenageia a escritora portuguesa Maria Velho da Costa, Prémio Camões em 2002, Teresa Noronha não tem dúvidas de que valoriza não só o trabalho da patrona, como a Língua Portuguesa. E acrescenta: “é uma escritora que eu admiro. Foi muito importante no movimento social de emancipação da mulher. É uma escritora que trabalhou muito a Língua, com uma exigência apreciável. E eu revejo-me nos seus trabalhos”.

Além deste prêmio, o júri constituído por Leonor Xavier, como presidente, José Manuel, Margarida Gil e Teresa Carvalho, atribuiu também menções honrosas a “Num Ápice de Flash, o Imbele Landgravio” de Domingos Landim de Barros, e a “Elegância de Costumes”, de Francisco Mota Saraiva.

Alunos da EPM-CELP obtêm amplo sucesso nos exames DELE

Os resultados dos exames para a obtenção do diploma de Espanhol – DELE, realizados em novembro passado, saíram com uma inequívoca constatação: 42 alunos da EPM-CELP e três de escolas e instituições de Maputo passaram nos exames.

Os números representam 100 por cento dos examinados e, segundo Uriel Guerra, professor de Espanhol na nossa escola e tutor dos exames, os mesmos demonstram empenho e facilidade nos processos de aprendizagem daquela Língua, mas reitera que os alunos devem trabalhar mais a expressão e interação escrita.

Dos 42 alunos examinados na EPM-CELP, 36 concorreram à certificação de nível escolar A2/B1 e os restantes seis ao B2. A EPM-CELP realizou o exame pela segunda vez consecutiva e visa dar oportunidade aos alunos para a obtenção do Diploma de Espanhol como Língua Estrangeira (DELE), usado para o reconhecimento internacional na candidatura a bolsas de estudo e atribuição de prémios, bem como na obtenção de vistos de estudo em Espanha, tendo validade vitalícia.

EPM-CELP exibiu Ciência no 1.º Fórum Clubes de Ciência Viva nas Escolas

O projeto “Mãos na Ciência” da EPM-CELP apresentou, em janeiro, dezenas de trabalhos científicos realizados nos últimos anos na Escola, no 1.º Fórum Clubes de Ciência Viva nas Escolas. O evento, realizado no Pavilhão do Conhecimento Virtual, juntou, para além de duas escolas da CPLP, 181 de seis regiões de Portugal, envolvidas no Centro de Ciência Viva.

De acordo com Sónia Pereira, coordenadora do projeto “Mãos na Ciência” e professora de Físico-Química na EPM-CELP, o objetivo principal do fórum é mostrar o trabalho que as várias escolas fazem no âmbito dos Clubes de Ciência Viva e, paralelamente, associar a transmissão de conhecimento através

de clubes e palestras.

A EPM-CELP exibiu todo o trabalho feito ao longo dos últimos anos em projetos de cariz voluntário ou desenvolvidos em contexto de sala de aula, como “inspirar ciência”, “cozinha com ciência”, “aprender ciência brincando”, entre outros.

Na página oficial do fórum, a organização afirma que “esta é uma celebração da educação, cultura científica e de todo o trabalho que tem sido desenvolvido por alunos e professores da Rede de Clubes Ciência Viva na Escola”, lê-se, acrescentando que os visitantes têm a oportunidade de “navegar entre projetos de mais de 200 Clubes, escutar testemunhos, conhecer Centros Ciência Viva de Norte a Sul do

país [Portugal], e descobrir parceiros entre institutos de investigação, universidades, empresas, museus e outras organizações”.

Em termos de resultados, Sónia Pereira realçou o orgulho dos alunos pela oportunidade de exibirem os seus trabalhos num fórum internacional. “Este evento tem dois pontos importantes para os alunos. O primeiro é o orgulho que traz, porque quando os alunos veem os seus trabalhos expostos ficam valorizados e isso é importante para criar mais incentivo. Outro ponto é o privilégio de interagir com grandes cientistas e investigadores de várias áreas e estarem em contato direto com eles”, concluiu a docente.

Alunos da EPM-CELP comemoram a Francofonia *en classe*

Celebrar a Francofonia pode ser já considerada uma tradição na EPM-CELP, já que desde 2016 que a data do aniversário da Organização Internacional da Francofonia (OIF), 20 de março, é assinalada na nossa escola com várias atividades em que se festeja a aprendizagem da Língua Francesa e se sensibilizam os alunos de Francês para a importância do espaço geográfico da OIF e sua missão.

Têm sido momentos em que a Área Disciplinar de Francês e os seus alunos partilham, com a comunidade educativa e outras instituições, aprendizagens e vivências em que o francês esteve em festa: representações te-



atras, música, cinema, gastronomia, 2020, data em que o mundo foi assolado pela Covid-19.

Este ano “Malgré la Pandémie, on a fêté la Francophonie en classe”. As turmas de Francês recordaram a importância da aprendizagem desta língua, os objetivos da OIF e produziram pequenos cartazes e vídeos para assinalar este momento.

Desenhou-se, falou-se, cantou-se, sonhou-se, sorriu-se em francês.

Momentos de grande simplicidade em que, de 16 de março a 19 de março, professores e alunos deram “as mãos” para lembrar *en classe* o 51º aniversário da OIF, concluindo que “la Francophonie est un soleil dans la planète”!



Alunos discutiram inclusão e albinismo

Alunos dos 9.º E e F da EPM-CELP reuniram-se, no dia 16 de abril, no auditório Carlos Paredes, no mais restrito respeito pelas normas de prevenção da Covid-19, para discutirem e refletirem sobre a fracação de políticas públicas de inclusão, dificuldades médicas, discriminação, falta de apoio psicológico, entre outros obstáculos que os albinos enfrentam na sociedade. O evento, organizado pelo grupo disciplinar de Espanhol, foi marcado por testemunhos de pessoas com albinismo e de ativistas do Centro das Mercês.

Dentre vários problemas que os albinos enfrentam na sociedade, a discriminação afigura-se o principal e, por isso, o mais preocupante. Para Fernando Eusébio Afonso e Guinância Armando Mucasse, albinos e ativistas do Centro das Mercês, os olhares inconvenientes e apelidos pejorativos, sobretudo na infância, revelam a falta de consciencialização e discussão sobre o albinismo, suas condições genéticas e direitos, que são os mesmos para todos cidadãos, na sociedade.

As pessoas com albinismo, condição genética que leva o corpo a produzir pouca ou nenhuma pigmentação, apresentam duas principais condições de saúde que precisam de cuidados e acompanhamento médico: a pele delicada, muito suscetível ao cancro da pele e os problemas óticos que prejudicam a aprendizagem. Por conta disso, a parte explicativa das condições genéticas dos albinos foi conduzida, em espanhol, por Teresa Tertre e María Boente, do Centro das Mercês.

O centro pertence a um projeto que nasceu da colaboração entre a congregação local Irmãs Mercedárias da Caridade e a Organização não Governamental espanhola África Directo. O centro começou os trabalhos em 2016 e atualmente conta com aproximadamente 700 pessoas com albinismo inscritas.

Para além dos alunos e ativistas, o evento contou com a participação dos membros da Comissão Administrativa Provisória da EPM-CELP e professores de diversos departamentos.



Alunos debateram problemas mundiais no Modelo da ONU

Ameaças à paz e segurança internacionais causadas por atos terroristas no mundo, e em particular na Ucrânia, dificuldades enfrentadas no Líbano, sobretudo devido à pandemia, a existência de refugiados migrantes da Palestina e da Síria, a explosão do porto de Beirute em 2020, bem como a corrupção, foram o cerne do debate nos dias 16, 17 e 18 de abril em mais uma sessão da conferência “Maputo Modelo das Nações Unidas” (MaMUN). Durante os três dias de intensos debates sobre várias resoluções, dez alunos do ensino secundário da EPM-CELP assumiram papéis de diplomatas das Nações Unidas através de demonstrações de competências de investigação, seleção, tratamento e interpretação de informação, bem como de argumentação perante os seus congéneres aliados e oponentes de outros países.

E a sessão 2021 escolheu quatro assuntos, divididos em dois comités: o Conselho de Segurança e a Assembleia Geral. O primeiro toma decisões para a ONU, como criar tratados internacionais e autorizar ações militares e o segundo espacializa-se em vários assuntos sociais que afetam o mundo inteiro.

Tatu Machatine, aluna do 12.ºC na EPM-CELP e representante do Níger, conseguiu, a par da sua homóloga do Quênia, explorar o ambiente e colher experiências válidas para contra-argumentação durante os debates.

Para ela, a experiência é boa para os alunos que estejam em áreas de Humanidades, ou qualquer outra, para saber quais são os pontos positivos e negativos. “É bom para quem gosta de falar em público porque nos apresentam um certo desafio e nos colocam a trabalhar sob pressão. Ajuda também nos aspetos diplomáticos porque, como representamos países, temos de nos adaptar aos ambientes das nossas nações. Temos de nos adaptar ao país e ignorar as nossas opiniões. Alguns representantes são atacados porque escrevem resoluções baseadas nas suas opiniões e não na realidade do

país”, explicou a aluna.

Para a defesa, Tatu escolheu o tema “Ameaças à paz e segurança internacionais causadas por atos terroristas” e explica que foi pelo facto de o seu país (Níger) fazer fronteira com a Nigéria e o Chade, dois países africanos desestabilizados pelo terrorismo.

Para além de ajudas externas para reerguer o país, Tatu Machatine defendeu, nos debates, a busca de acompanhamento psicológico para mulheres e crianças sobreviventes e a sua inclusão na Educação. Na sua análise, o trauma imposto pela sangrenta presença hostil afeta a saúde mental da população.



Jenaro Lopes Ribeiro, aluno novo na EPM-CELP e na conferência, revelou sentir-se satisfeito por ter encontrado nos debates oportunidade de crescer e ter orientação sobre os vários problemas que afetam o Mundo. Representante da República do Iraque, no comité da Assembleia Geral, a sua análise incidu nos desafios governamentais, económicos e sociais que afundaram o Líbano, com destaque para os eventos desastrosos da pandemia da COVID-19, os efeitos nefastos dos migrantes da Palestina e da Síria, a explosão do porto de Beirute em agosto de 2020 e as consequentes dívidas para reerguer a cidade, os protestos nacionais contra o governo e sobretudo a corrupção.

Uma conferência mais exigente

As conferências baseadas no Modelo das Nações Unidas (JoMUN,

MaMUN e EPM-CELP) são já uma tradição na EPM-CELP, mas os eventos que acontecem desde a eclosão do novo coronavírus tornam-se mais exigentes. Para Carolina Ossumane, do 11.ºB, participante do JoMUN em setembro, e nesta secção representante do comité da Assembleia Geral, as dificuldades relacionadas com a distância em termos do espaço entre os diplomatas, a fraca preparação, antes feita em contexto de sala de aula e no auditório em “miniconferências”, refletem-se na participação destes durante os debates oficiais.

A dificuldade foi também sentida por Sandra Macedo, coordenadora do

projeto Modelo das Nações Unidas e facilitadora da atividade. Segundo contou, “perdeu-se o contacto físico, a emoção de conhecer e de interagir em contexto real com novas pessoas, a socialização. A conferência em contexto virtual é mais fria, no que respeita aos afetos. Por isso, este ano, em vez de ser um debate nos termos daquilo que é o protocolo regular, que costuma acontecer, a Escola Internacional Americana de Moçambique proporcionou um curso. Os alunos estão a receber orientações para aprenderem todo o protocolo de discussão, regras, procedimentos: é uma espécie de oficina, na qual vão construindo as resoluções à medida em que vão aprendendo”, explicou a docente.

Refira-se que este projeto é estrutural na Escola e tem como público alvo alunos do Ensino Secundário.



Mar de livros para

**“Thandi, a menina de barro”
de Mauro Brito e do ilustrador
Samuel Djive**

O livro coloca a rapariga e a mulher como protagonistas da vida e das suas páginas, trazendo a história de amor entre mãe e filha, Mbali e Thandi essa última cujo corpo é preenchido de porções consideráveis de barro, consequência de certas ações da mãe quando esta estava grávida. Aí entram Mauro Brito e Samuel Djive para encaminhar o leitor pelos caminhos da liberdade e da cura. Em 31 páginas Mauro Brito lembra, igualmente, que para cada acção há sempre uma consequência

**“Sopros do mar antigo”
de Emília Ferreira e Ivone Ralha**

O livro foi escrito há mais de 30 anos, quando a autora, Emília Ferreira, andava pelos 20 e poucos. Nela se relata poeticamente a relação entre as marés e a Lua e se dá a conhecer uma sereia que morreu de amor. Para salvar o mar, para que as águas voltassem ao mar e a dança entre as marés fosse sinal da superação da morte pela força da vida. É esta a fábula que Emília Ferreira nos conta de modo poético como quem nos sussurra um segredo, e que Ivone Ralha ilustra com o saber e os sabores de sempre.

**“Contar Histórias com Avó ao Colo”
de oito autoras lusófonas e ilustrado
por Tânia Clímaco.**

Este projeto, assente na originalidade do título, remete para ditados e expressões populares, mas também para uma certa ancestralidade, para o saber passado de geração em geração. Foi escrito por oito escritoras da CPLP com o intuito principal de promover e valorizar a Língua Portuguesa no espaço, por excelência, que integra o berço das várias culturas, tradições e linguagens que constituem a identidade desta Língua para memória futura.



Em quase seis meses, a EPM-CELP editou ao mercado livreiro seis livros infantojuvenis que, cada um da sua forma, convidam os mais novos à criatividade e para aventuras diversas pelo mundo da imaginação e da desconstrução de fábulas.

Por exemplo, a fascinação, o encanto e a criatividade que os truques de magia despertam em todos os humanos percorrem 29 páginas do livro **“Por que é um Livro Mágico?”**, procurando ensinar e estimular, de forma lúdica, a imaginação criativa, o gosto pela leitura e o uso das capacidades intelectuais, importantes em todas as idades. E é o que a voz do avô de Ndawina, a menina que não gostava de ler, nos revela: “as páginas dum livro são como máquinas de teletransporte: levam-nos a viajar para diferentes lugares... nas páginas dum livro há suspense de prender a respiração... e há espelhos que mostram o reflexo do coração”.

pequenos e graúdos

“As mãos de Casimiro e a estrela-do-mar” de António Cabrita e Patrícia Guimarães

A estrela do mar chegou cansada à Inhaca. Aí encontrou Casimiro, com um coração tão puro que ela se fundiu nele. Reparou o Casimiro que as suas mãos ficavam brilhantes quando lia um livro e não querendo perder a popularidade que isso lhe dava, lavava-as várias vezes ao dia. Quando chegou à ilha a doença do Corvídeo, o Casimiro parecia imune ao vírus. Todos os meninos quiseram imitá-lo, a lavar mais vezes as mãos Certo é que a doença regrediu.

“O Menino que odiava números” de Celso Cossa e Luís Cardoso

Vencedor da 9.ª edição do prémio BCI de Literatura em 2019, para além de ter marcado uma viragem nas distinções literárias e na valorização da literatura infantojuvenil em Moçambique, o livro de Celso Cossa é versátil, as suas páginas carregam uma narrativa imaginária e nela se cruzam a história, a imaginação e o desejo. É sobre a matemática criativa, a frustração infantil, a cumplicidade, o amor, os desafios, a persistência, mostrando que, afinal, os números não são assim “bichos-de-sete-cabeças”.

“Lamura”, de Suzy Bila

Um menino que cresce à volta da fogueira ouvindo histórias contadas pelo pai dá nome ao título do livro. E é através destas histórias que o seu mundo ganha novos horizontes, pois cada palavra nova leva-o a pensar o desconhecido. Metamorfose é uma palavra mágica, que abre no seu imaginário gavetas, onde as repostas para as suas inquietações estão ainda escondidas. Mas Lamura verá finalmente o que procurava por detrás dessa palavra. Que descoberta terá feito? Encontre as respostas nas 57 páginas que incorporam o livro.

O WhatsApp em Contexto Escolar



Com a banalização da Internet, através da evolução tecnológica, em particular com o advento dos telemóveis de tipo android e equivalentes, o acesso às redes sociais tornou-se muito mais fácil, as comunicações tornaram-se mais acessíveis, rápidas, interessantes, ricas e a transmissão vídeo, bem como a transferência de dados, vulgarizaram-se.

É neste contexto, a que chamaria, ironicamente, a era da *selfie*, precisamente porque a Humanidade tinha tudo para estar mais próxima e solidária e ficou ainda mais distante e umbilical, que as redes sociais entraram nas nossas vidas e, naturalmente, irrompem no contexto educativo, em geral, escolar, em particular.

As redes sociais, genericamente consideradas, são como tudo na vida. Apresentam vantagens e desvantagens e o seu uso pernicioso não advém das redes sociais, em si, mas antes da forma como as pessoas decidem utilizá-las. Em todo o caso, a presente reflexão não é sobre todas as redes sociais e não é sobre todos os contextos. Pelo facto de ser professor, educador, pai, avô e, sobretudo, pelo facto de ter tido, nos últimos anos, cargos de coordenação pedagógica na EPM-CELP, decidi aprofundar e registar alguns pensamentos sobre a utilização do *WhatsApp* em contexto escolar.

Começamos pelo fim, ou seja, pela conclusão, e vamos, depois, às explicações: o uso do *WhatsApp*

em contexto escolar é pernicioso, deve ser fortemente desencorajado e as desculpas que costumam surgir para ser utilizado não passam disso mesmo, desculpas. Então, porque surgem? Surgem porque o *WhatsApp* promove a facilidade da comunicação e promove, também, o que é muito perigoso, o facilitismo comunicacional. Vejamos dois ou três aspetos.

1. O WhatsApp não é uma rede social. É um mecanismo de interação através de telemóveis que permite a criação de grupos, mas não é uma rede social. Uma rede social tem regras, tem condições de admissão, tem mecanismos de proteção dos utilizadores e tem uma estrutura e um funcionamento mais ou menos expectável e previsível. O *WhatsApp* não tem nada disto. Basta que uma pessoa tenha o número de telefone de outra e esta pode ser inserida num grupo onde, por exemplo, não queria estar. Na verdade, até se pode ser incluído num grupo criado por alguém que não se conhece. Pode, esse alguém, conhecer alguém que nos conhece e nos chama para lá ou fornece o nosso número de telemóvel.

2. O WhatsApp não tem quaisquer regras de utilização, não há um código de conduta, não há normas nem mecanismos que protejam os utilizadores. Cada um está entregue a si próprio e exposto a todos.

3. O envio de ficheiros é completamente arbitrário. Não há filtros, nem regras. Qualquer

pessoa pode enviar qualquer ficheiro para outra pessoa ou grupo de pessoas.

4. O fenómeno a que me referirei agora constitui, eventualmente, a maior falha e o aspeto mais perigoso do WhatsApp.

A leitura sincopada. Quer isto dizer que, num grupo, alguém pode começar uma conversa com a melhor das intenções e, naturalmente, haverá quem concorde e discorde e haverá, até, quem tenha seguido a conversa desde o início, mas haverá também quem apanhe a conversa a meio, parado num semáforo, numa reunião, num jantar com várias pessoas, a ver a telenovela, o futebol, a cozinhar uma refeição, ou noutra situação qualquer em que não pode ou não quer ler a conversa desde o início. Acontece que aquilo, genericamente, diz-lhe respeito pelo que faz uma resposta com base nas duas ou três entradas que leu. O problema é que uma resposta a algo que não se conhece integralmente não é uma resposta, é o começo de outra conversa, mas esta já está sincopada na sequência, no sentido e nas intenções. Ora, juntando este aspeto à desresponsabilização de não se escrever de forma refletida, nem frente ao(s) interlocutor(es), fica fácil perceber que é assim que nascem os equívocos e, conseqüentemente, os litígios.

5. O WhatsApp é uma fonte inesgotável de mal-entendidos, equívocos e litígios desnecessários.

A maioria dos litígios que tive de gerir, nascidos no *WhatsApp*, não existiam ou deixaram de existir quando coloquei frente a frente os elementos diretamente envolvidos.

O *WhatsApp* pode ser usado com propósito didático por professores, com regras claras e sólidas, com interlocutores identificados e objetivos muito específicos.

O *WhatsApp* não deveria ser utilizado para grupos-turma de alunos, para grupos de encarregados de educação, para grupos de professores.

Alunos experimentam o “mundo oceânico” no batismo de mergulho



Dezenas de alunos do Ensino Secundário da EPM-CELP experimentaram o universo oceânico e tiveram instruções técnicas de submersão, como respirar com o regulador, regular a máscara, alguns sinais de comunicação debaixo da água, e assim foram introduzidos no mergulho profissional com certificação internacional. A atividade, novidade para a EPM-CELP, foi dividida em duas fases, sendo que a primeira, com 65 alunos, teve lugar na nossa Escola e a segunda, com 17, na Ponta do Ouro.

De acordo com Antero Ribeiro, docente de Educação Física na EPM-CELP, trata-se de uma atividade multidisciplinar cujo objetivo é criar, nos alunos, o interesse pelo mergulho. “O nosso objetivo era ter mais interdisciplinaridade. Queríamos unir também a disciplina de Biologia para que os alunos conseguissem explorar mais o potencial que a reserva tem, mas devido à agenda dos instrutores não conseguimos”, explicou o professor.

Embora fosse novidade na EPM-CELP, para Antero Ribeiro o sucesso prova que há espaço para a continuidade, agora com envolvimento de mais alunos, professores e funcionários. “Só nesta primeira experiência tivemos cinco turmas. 65 alunos, dos quais 17 conseguiram ter uma certificação internacional como nadadores até 30 metros. Acreditamos que no segundo

período teremos mais pessoas interessadas”, explicou o docente, satisfeito com os resultados.

Jenny Strömvoll-Rupert Cornelius, instrutora de mergulho na *Back To Basics Adventures*, afirmou que a ideia inicial do batismo é dotar os alunos de ferramentas básicas de submersão para que possam explorar piscinas e o mar com diversão e segurança. Satisfeita com a adesão dos alunos, a instrutora disse que há vida dentro da água. “E em Moçambique é tudo lindo. O mergulho profissional permite conhecer a vida dentro da água”, disse.

Os exercícios foram orientados pela *Back to Basics Adventures* em coordenação com professores da escola e a logística na Ponta do Ouro pela turma do Curso Profissional de Técnico de Turismo da EPM-CELP.

Testemunhos dos alunos



Nabil Omargee, 11.º A2.

“Depois da experiência aqui na Escola não esperava menos. Na Ponta do Ouro foi incrível, desde os exercícios na piscina, a teoria, o jantar, os vários jogos, as conversas e o mergulho profissional. O que mais gostei dessa experiência foi o conforto na água. Atualmente, sinto-me tão confortável em alto-mar como na piscina”.



Mafalda Palmeirim, 12.º A2.

“Achei a experiência muito boa. Foi uma boa oportunidade para conhecermos outras pessoas, conhecer outras turmas, estabelecer laços e voltar um pouco à normalidade, apesar do distanciamento social e outras regras. O curso irá ajudar-me profissionalmente, pois ambiciono fazer Biologia Marinha no ensino superior. Vai ser uma janela para todos, até porque não é uma coisa que se faz todos os dias. A sessão debaixo da água foi muito diferente.”



Na Ponta da Língua

A sereia

Texto: Wendy Mavimbe - 6.ºE | Gravura: Isabel Sousa - 6.ºA

Era uma vez uma menina chamada Maria que vivia no palácio com um peixinho que se chamava Bento. A Maria foi sentar-se numa rocha antes de começar a transformar-se uma sereia.

- Agora vou transformar-me numa sereia de verdade – disse a Maria.



Depois da Maria se transformar numa sereia, ela entrou na água e começou a nadar debaixo da água. A Maria viu os peixinhos a nadar e encontrou duas amigas que viviam no palácio eram a Filipa e a Luísa.

- Olá meninas! – exclamou a Maria.
 - Olá Maria, como estás? – perguntaram a Filipa e a Luísa.
 - Estou bem e vocês? – disse a Maria.
 - Também estamos bem – disseram as meninas.
 - Será que foi o Roberto que se riu de nós? – perguntou a Luísa.
 - Não sabemos – respondeu a Maria.

As meninas viram que o Roberto estava triste porque perdeu o convite para ir à festa da Fernanda e pediram ajuda ao João para procurar o convite que estava na pedra onde se transformam as sereias.

As meninas estavam felizes com o Roberto porque conseguiram encontrar um convite que a Fernanda deu.

- Obrigado pela ajuda meninas! – disse o Roberto.
 - De nada! – disseram as meninas.

O Roberto e as meninas estão felizes porque vão à festa da Fernanda. E viveram felizes para sempre.

A raposa que perdeu a cauda

Texto: Wendy Mavimbe, 6.ºE.

Ilustração: Isabel Sousa, 6.ºA.

Era uma vez uma raposa que estava a brincar com o cão o gato, o coelho e a cegonha.

A raposa estava a brincar com a cegonha e perdeu a cauda.

No Verão, a raposa estava na floresta com os animais e disse:

- A minha cauda desapareceu!
 - Vocês viram a cauda da raposa? – perguntou a cegonha.
 - Não! – respondeu o gato.
 - Alguém pode ajudar-me a procurar a minha cauda? – perguntou a raposa.
 - Nós vamos ajudar-te a procurar a tua cauda! – respondeu o coelho.

A cegonha conseguiu encontrar a cauda da raposa que estava na árvore.

- Obrigada por terem encontrado a minha cauda! – disse a raposa.

De nada! – disse o cão.



MOMENTOS EPM-CELP



XXI Aniversário da EPM-CELP: Sessão Solene.

